

As Melhores Práticas de Contra-Insurreição

Doutor Kalev I. Sepp

Está na moda, em certas áreas do globo, dizer que os problemas do Sudeste da Ásia são principalmente políticos e econômicos em vez de militares. Eu não concordo. A essência do problema no Vietnã é militar.

– General Earle Wheeler, 1962.¹

PODE-SE DIFERENCIAR “as melhores práticas” comuns nas contra-insurreições bem-sucedidas ao estudar as guerras insurretas do último século.

A análise histórica nos ajuda a entender a natureza e a sucessão das insurreições no transcurso do tempo e nos variados ambientes culturais, políticos e geográficos. Embora isso não produza uma solução padronizada às guerras civis e às insurreições, a compilação dessas experiências, judiciosa e adequadamente aplicada, poderá ajudar o Iraque a derrotar sua insurreição.

Em todos os continentes, nações têm sofrido ou mediado insurreições. Sem contar os golpes de estado

Quadro 1. Insurreições Ocorridas no Século XX

Segunda Guerra Anglo-Boer (Reino Unido [R.U.] versus separatistas Boer, 1899-1902).

Insurreição Filipina (Estados Unidos [EUA] versus nacionalistas filipinos, 1899-1902 [1916]).

Revolta Árabe (Turquia otomana versus rebeldes árabes, 1916-1918).

Iraque 1920 (Reino Unido versus rebeldes iraquianos, 1920).

China (Partido Nacionalista versus comunistas, 1922-1949).

Intervenção Nicaragüense (EUA e governo da Nicarágua versus sandinistas, 1925-1932).

França, Segunda Guerra Mundial (Alemanha versus Resistência Francesa e Executivo de Operações Especiais/ Escritório de Assuntos Estratégicos, 1940-1945).

Balcãs, Segunda Guerra Mundial (Alemanha versus guerrilheiros de Tito e Executivo de Operações Especiais/ Escritório de Assuntos Estratégicos, 1940-1945).

Guerra Civil Grega (Reino Unido, depois EUA, e o Governo da Grécia versus Exército de Libertação Nacional, 1944-1949).

Revolta Indonésia (Holandeses versus rebeldes indonésios, 1945-1949).

Indochina Francesa (França versus Viet Minh, 1945-1954).

Palestina (Reino Unido versus separatistas judeus, 1945-1948).

Rebelião Hukbalahap (Ilhas Filipinas versus Hukbalahap, 1946-1954).

Emergência Malásia (Reino Unido versus Partido Comunista Malásio/Exército de Libertação das Raças Malásias, 1948-1960).

Emergência Queniana (Reino Unido versus Mau Mau, 1952-1956).

Revolta Argelina (França versus Frente de Libertação Nacional, 1954-1962).

Chipre (Reino Unido contra Ethniki Organosis Kyprios Agoniston [uma organização terrorista grega], 1954-1959).

Áden (Reino Unido e Áden versus insurgentes iemenitas, 1955-1967).

Revolução Cubana (Regime Batista de Cuba versus Castro, 1956-1959).

França (França versus Organização do Exército Secreto, 1958-1962).

Venezuela (Venezuela versus Forças Armadas para a Libertação Nacional [baseadas nas cidades], 1958-1963).

Guerra do Vietnã (EUA e Governo do Vietnã versus Frente Nacional de Libertação e República Democrata do Povo do Vietnã, 1958-1975).

Guerra Civil da Guatemala (Guatemala versus rebeldes marxistas, 1961-1996).

militares e as guerras civis em território definido, há 17 insurreições que podemos estudar cuidadosamente e mais 36 outras que incluem aspectos que podemos levar em consideração (Quadro 1). Uma avaliação das contra-insurreições revela quais foram bem-sucedidas e quais fracassaram. Uma vitória estratégica não valida todos os métodos operacionais e táticos do vencedor nem os torna aplicáveis universalmente, como demonstra a derrota americana no Vietnã ou o seu êxito em El Salvador. Nos dois casos, “aprender mais dos próprios erros do que com as realizações” é um axioma válido. Se combinássemos todas as práticas operacionais bem-sucedidas de um século de guerras contra-insurretos, o resultado ofereceria um esboço de campanha para combater a insurreição atual no Iraque (Quadro 2).

Práticas Operacionais Bem-Sucedidas

O foco de todos os planos civis, militares e operacionais deverá ser no centro de gravidade em qualquer conflito — o povo e sua crença e seu apoio ao governo. Conquistar seus corações e mentes deverá ser o objetivo

dos esforços governamentais.² Por ser esse um objetivo político, deverá ser orientado pelos líderes governamentais do país. O presidente da Colômbia, Alvaro Uribe, seguiu esse caminho e ganhou amplo apoio do povo na luta contra as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) e contra os narcoterroristas do Exército de Libertação Nacional (ELN). O governo colombiano está enfraquecendo o domínio dos insurretos nas suas áreas tradicionais e ameaça sua base de recrutamento e verbas.³

Direitos humanos. A segurança do povo deverá ser garantida como uma necessidade básica, somado à alimentação, abastecimento de água, moradia, assistência de saúde e demais meios de sobrevivência. Esses são direitos humanos, como a liberdade de religião, o acesso à educação e igualdade para as mulheres.⁴ As origens das insurreições, bem como o fracasso das contra-insurreições são, com freqüência, decorrentes da desconsideração governamental desses direitos básicos, como ocorreu na cidade chinesa de Kuomintang, na Indochina Francesa, em Cuba sob o governo ditatorial de Batista, na Nicarágua de Somoza e no Afeganistão

Angola (Portugal versus rebeldes marxistas, 1961-1974).

Guiné-Bissau (Portugal versus rebeldes marxistas, 1963-1974).

Uruguai (Uruguai versus Tupamaros, 1963-1972).

Moçambique (Portugal versus Frente de Libertação de Moçambique, 1964-1974).

Guerra Civil da Colômbia (EUA e Governo da Colômbia contra Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia [FARC] e Exército de Libertação Nacional [ELN], 1964-até os dias atuais).

Irlanda do Norte (Reino Unido versus Exército Republicano Irlandês, 1968-até os dias atuais).

Weather Underground (EUA versus Estudantes para uma Sociedade Democrata, Panteras Negras, Exército da Liberação Simbionesa, et al., 1968-1980).

Espanha (Espanha versus Basco *Euzkadi Ta Askatasuna* [Liberdade e Terra-natal basca], 1968-até os dias atuais).

Omã (Reino Unido e Omã versus Frente Popular para a Libertação de Omã e o Golfo Árabe, 1969-1976).

Alemanha (Alemanha versus *Baader-Meinhof*/Facção do Exército Vermelho, 1970-1992).

Filipinas (Ilhas Filipinas versus Frente Moro de Libertação Nacional / Frente Moro de Libertação Islâmica, 1970-até os dias atuais).

Sri Lanka (Sri Lanka versus Novos Tigres do Tamil, 1972-até os dias atuais).

Palestina (Israel versus Frente de Libertação Palestina, 1973-até os dias atuais).

Rodésia (Rodésia versus União Popular Africana de Zimbábue e União Nacional Africana de Zimbábue, 1974-1980).

Saara Ocidental (Marroco versus Movimento de Libertação do Saara Ocidental, 1975-1991).

Guerra Soviética-Afegã (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e Governo do Afeganistão versus Mujahideen, 1979-1988).

Guerra Civil Salvadorenha (EUA e o Governo de El Salvador versus Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional, 1979-1991).

Insurreição Senderista (Peru versus Sendero Luminoso, 1980-1995; versus Movimento Revolucionário Tupac Amaru, 1996-1997).

Nicarágua (Frente Sandinista de Libertação Nacional versus Guarda Nacional/Contras, 1980-1990).

Kashmir (Índia versus separatistas muçulmanos de Kashmir, 1988-até os dias atuais).

Argélia (Argélia/Frente Nacional de Libertação versus Frente Islâmico de Salvação, 1992-presente).

Missão de Assistência Humanitária à Somália (EUA e ONU versus facções armadas, 1992-1994).

Chechênia (Rússia versus separatistas chechenos, 1994-até os dias atuais).

Nepal (Nepal versus Maoístas, 1996-até os dias atuais).

Afeganistão (EUA e Governo do Afeganistão versus Talibã, 2001-até os dias atuais).

Iraque (Governo do Iraque e a coalizão liderada pelos EUA versus jihadistas e insurretos, 2003-até os dias atuais).

ocupado pelos soviéticos. O reconhecimento e a garantia desses direitos pelo governo têm sido essenciais para que a população se afaste dos insurretos e suas promessas.

Durante a Emergência Malaia na década de 1950, o Alto Comissário Britânico Sir Gerald Templar — um anti-racista declarado — se esforçou para assegurar a igualdade política e social para todos os malaios. Ele outorgou cidadania malaia para mais de um milhão de indianos e chineses; exigiu que os britânicos se registrassem como cidadãos malaios, elevou o papel público das mulheres, construiu escolas, clínicas e delegacias, instalou luz elétrica em aldeias rurais, aumentou em 700% o número de policiais e tropas militares e deu armas para as guardas da milícia protegerem suas próprias comunidades. Nesse ambiente, o terrorismo insurgente apenas fez afastar ainda mais a população dos rebeldes, levando-a para mais perto do governo.⁵

Garantia da Lei. As operações de inteligência que ajudam a detectar, prender e processar insurretos terroristas são as práticas mais importantes para proteger um povo das ameaças à sua segurança. Quando responsáveis pela segurança, forças policiais honestas, treinadas e capazes podem coletar informações no nível comunitário. Historicamente, durante os tempos de guerra, é

necessário a proporção de 20 policiais e auxiliares para cada 1.000 cidadãos.⁶

Por sua parte, um judiciário honesto e funcional deverá apoiar a polícia. Durante a grande insurreição urbana de 1968 a 1973, o governo da Venezuela nomeou o chefe da inteligência militar como o líder de maior escalão da polícia em Caracas. Ele centralizou o comando de todos os policiais venezuelanos e reorganizou, treinou novamente, e reformou a força policial. Eles lutaram e finalmente derrotaram os terroristas.⁷

Segundo a necessidade, forças militares e paramilitares podem apoiar a polícia no desempenho dos deveres de segurança pública. De 1969 a 1972, os serviços de polícia e inteligência do Vietnã, com o apoio militar, executaram o projeto Phung Hoang, prendendo e julgando mais de 18.000 membros da infra-estrutura de comando e inteligência vietcong espalhados pela nação.⁸

Controle da população. Os insurretos dependem da população para homizio, sustento e recrutamento. Por isso, devem-se empregar todos os meios possíveis para que eles sejam isolados do povo. Dentre os meios mais eficazes para o controle da população destacam-se os pontos de controle de veículos e de pessoal e as carteiras de identidade nacionais. Na Malásia, a exigência de portar uma carteira de identidade com fotografia e

Quadro 2. As Práticas de Contra-Insurreição Bem-Sucedidas e Malogradas

Bem-Sucedidas

- Ênfase nas operações de inteligência.
- Enfoque na população, suas necessidades e segurança.
- Estabelecimento de maiores áreas de segurança.
- Manutenção dos insurretos isolados da população (controle da população).
- Adoção de uma autoridade central única (líder carismático/dinâmico).
- Condução de operações psicológicas amplas e eficazes.
- Concessão de anistia e reabilitação para insurgentes.
- Apoio militar às lideranças policiais.
- Aumento e diversificação da força policial.
- Reorientação das forças militares convencionais para a contra-insurreição.
- Estabelecimento de assessores das Forças Especiais juntos às forças nativas.
- Negação de refúgios para insurretos.

Malogradas

- Supremacia da direção militar da contra-insurreição.
- Priorização em “matar/capturar” o inimigo, ao invés de interagir com o povo.
- Priorização das operações conduzidas no escalão batalhão.
- Concentração de unidades militares em bases grandes para serem protegidas.
- Priorização das Forças Especiais para incursões.
- Baixa priorização para a designação de assessores.
- Criação e adestramento do exército nativo nos moldes do Exército Americano.
- Procedimento do governo igual aos de tempo de paz.
- Abertura das fronteiras, espaço aéreo e litorais.

impressão digital do polegar forçou os comunistas a abandonarem sua estratégia político-militar original e causou divisões entre seus líderes sobre como responder a essa medida eficaz de controle da população.⁹

Processo político. As campanhas informativas explicam à população como podem ajudar o governo a mantê-las seguras contra insurretos terroristas; estimulam a participação no processo político mediante o voto nas eleições locais e nacionais; convencem os insurretos que a melhor maneira de atingir seus interesses pessoais e evitar o risco de prisão ou morte é reintegrarem-se à população, por meio da anistia, reabilitação ou simplesmente por não lutar. Os encarregados da guerra psicológica do Governo das Filipinas eram capazes de concentrar suas mensagens diretamente nas vilas e nos grupos específicos de guerrilheiros, oferecendo emprego ao povo local e aos insurretos que haviam se rendido.¹⁰

Depois de que a polícia e as forças de apoio conseguem proteger um bairro, aldeia, prefeitura ou instalação de infra-estrutura contra as atividades insurretas, o governo pode aplicar recursos para ampliar essa área a uma zona adjacente, repetindo os mesmos passos quando essa nova área não estiver mais sob o controle dos insurretos. Na Malásia, o governo designou zonas livres, disputadas e inimigas com as cores branca, cinza e preta respectivamente (técnica que refletia aquela dos rebeldes) e prometeu, como recompensa, trabalho e assistência às pessoas que ajudassem liberar uma área de insurretos. A melhor forma de atender os interesses do povo era atingir o status de “área branca” ou livre com os correspondentes benefícios governamentais.¹¹

Guerra contra-insurreição. As forças militares e equipes de assessoramento aliadas, organizadas para apoiar forças policiais e lutar contra os insurretos podem reforçar a segurança até que as forças de segurança nativas estejam capacitadas para desempenhar essas tarefas sem o apoio aliado. Nas Forças Armadas dos EUA, somente as Forças Especiais estão especificamente organizadas e treinadas para travar a guerra contra-insurreição e assessorar as forças nativas. Durante a Guerra Civil de El Salvador, que durou 12 anos, o núcleo principal encarregado de adestrar o Exército Salvadorenho, integrado por 50.000 homens, estava composto de 25 assessores das Forças Especiais americanas no campo e 30 assessores de estado-maior. Esse Exército conseguiu derrotar os insurretos, obrigando-os a aceitar uma negociação para encerrar a guerra. No Afeganistão pós-Talibã, destacamentos de Forças Especiais gerenciaram as operações de grupos de centenas de combatentes regulares e paramilitares. Os regimentos australianos e britânicos do Serviço Aéreo Especial desfrutaram de reputação similar por causa das associações de longa-duração com os líderes e soldados das unidades com que treinavam.¹²

O patrulhamento constante pelas forças governamentais estabelece uma presença oficial que aumenta a segurança e fortalece a confiança no governo. O patrulhamento é um princípio básico de policiamento e, nos últimos cem anos, todas as contra-insurreições bem-sucedidas têm empregado essa prática fundamental de segurança. Outros métodos mais criativos também foram usados contra insurretos, tais como a infiltração das gangues Mau Mau no Quênia pelas “pseudo-gangues” treinadas pelos britânicos fazendo-se passar por colaboradores, uma tática empregada também pela “Força X” das Filipinas contra os guerrilhas Huk.¹³

Segurança das fronteiras. O cruzamento das fronteiras deve ser restrito para negar aos insurretos terroristas um refúgio e também para melhorar a soberania nacional. As unidades policiais e militares de reação rápida podem responder ou frustrar ataques insurretos de

O foco de todos os planos civis, militares e operacionais deverá ser no centro de gravidade em qualquer conflito — o povo e sua crença e seu apoio ao governo. Conquistar seus corações e mentes deverá ser o objetivo dos esforços governamentais.

grande escala. As unidades de missões especiais podem desempenhar operações de ação-direta para resgatar reféns e, soldados de infantaria selecionados podem executar ataques de surpresa. Para isolar as bases da Frente Nacional de Libertação na Tunísia, os franceses construíram uma barreira de 320 km na fronteira leste da Argélia e soldados de infantaria helitransportada atacaram guerrilheiros que tentavam se infiltrar pela fronteira. A linha Morice barrou completamente a infiltração insurreta.¹⁴

A autoridade executiva. As condições de emergência estabelecem que um governo precisa de um único executivo totalmente autorizado para liderar e coordenar os esforços de contra-insurreição. A divisão de poderes entre as organizações políticas, embora apropriada e necessária nos tempos de paz, apresenta vulnerabilidades e falhas na coordenação que podem ser exploradas pelos insurretos em época de guerra. Por exemplo, uma pessoa — um servidor civil com a posição de Secretário de Estado — é responsável por toda a atividade política e militar do Governo Britânico na Irlanda do Norte. Em outro exemplo, em 1992, quando o Peru estava prestes a cair nas mãos dos insurretos do Sendero Luminoso, o recém-eleito presidente Alberto Fujimori assumiu excepcional autoridade executiva para lutar contra os terroristas. Com um apoio popular esmagador, Fujimori unificou o esforço de contra-insurreição e, dentro de três

anos, exterminou os maoístas. Em 1997, ele destruiu um outro grupo insurreto violento.¹⁵

A necessidade de uma liderança excepcional durante uma guerra interna exige um líder dinâmico com imaginação. Para assegurar o êxito em longo prazo, esse líder deverá manter sua autoridade depois de a insurreição terminar, enquanto os assessores continuam a guiar o governo e suas agências para a independência. O civil Ramon Magsaysay, Ministro de Defesa das Filipinas durante a insurreição Hukbalahap, era conhecido pelo seu carisma, otimismo e persistência. Seu assessor americano, General Edward Lansdale, igualmente energético e inspirador, manteve-se em segundo plano durante a guerra. As personalidades de Magsaysay e Lansdale contribuíram tanto para o êxito da contra-

As forças militares e equipes de assessoramento aliadas, organizadas para apoiar forças policiais e lutar contra os insurretos podem reforçar a segurança até que as forças de segurança nativas estejam capacitadas para desempenhar essas tarefas sem o apoio aliado.

insurreição filipina quanto os programas que instituíram.¹⁶ Os assessores dos EUA, James A. Van Fleet na Grécia e Mark Hamilton em El Salvador, também contribuíram significativamente para o final dos conflitos nesses países.¹⁷

Práticas Operacionais

As contra-insurreições fracassadas revelam práticas operacionais malsucedidas. A intervenção americana no Vietnã e a ocupação do Afeganistão pelos soviéticos são bons exemplos. Durante as fases importantes no início dessas guerras, os estados-maiores militares, em vez dos governos civis, lideraram as operações, caracterizadas por incursões rápidas executadas por grandes unidades que logo abandonavam as comunidades e o terreno. A ênfase era matar e capturar os combatentes inimigos em vez de interagir com a população.¹⁸ Em particular, os americanos e os soviéticos empregaram intenso poder de fogo aéreo e de artilharia com a intenção de derrotar as forças inimigas por meio do atrito até o ponto de exaustão, um objetivo que nunca foi alcançado.¹⁹

Os exércitos regulares nativos, embora lutassem no seu próprio país e fossem mais numerosos do que as forças estrangeiras, estavam subordinados a elas. As forças convencionais adestraram unidades nativas à sua própria semelhança — com resultados historicamente ruins.²⁰ As forças de operações especiais compromete-

ram a maioria das suas unidades às missões de incursão e reconhecimento, com resultados bem-sucedidos, porém limitados. Além disso, os americanos marginalizaram suas Forças Especiais em missões de economia de meios em áreas escassamente povoadas no interior.²¹ Mais tarde, Spetznaziki perambulou à vontade pelas montanhas afegãs, mas com pouco resultado.

Na República do Vietnã, a liderança do governo de Saigon era instável. A liderança estava desigualmente repartida entre o Embaixador dos EUA, o Chefe do Escritório da Agência Central de Inteligência (CIA) e o comandante militar americano de maior escalão.²² A impaciência, dissimulada como agressividade e atitude ofensiva, compeliu os americanos a empregarem métodos de contra-insurreição aprendidos nos conflitos na Grécia e na Malásia, sem considerarem as diferenças do terreno e do povo. Os americanos também ignoraram a experiência francesa na Indochina (antiga denominação do Vietnã), particularmente a ineficácia geral das operações de grandes unidades.²³ Mais tarde, os soviéticos não consideraram a experiência americana no Vietnã quando a sua ocupação do Afeganistão prolongou-se demasiadamente. O comando soviético no Afeganistão estava unificado, mas completamente militarizado e, o Governo Afegão que eles estabeleceram era negligente.²⁴

O desengajamento de uma contra-insurreição não resolvida pode condenar um governo nativo. Quando os EUA e a União Soviética retiraram suas forças, respectivamente, do Vietnã e do Afeganistão, os governos nativos remanescentes não eram fortes nem competentes o suficiente para se manterem sem uma assistência significativa. Depois da queda do regime soviético em Moscou, o Talibã prontamente depôs o governo fantoche em Kabul. No caso do Vietnã, o Congresso dos EUA reduziu drasticamente a assistência militar depois da retirada das forças americanas. Sem outra fonte de apoio, o Vietnã do Sul ficou vulnerável à invasão do Norte que depôs seu regime.²⁵

Com o tempo, os americanos melhoraram suas práticas de contra-insurreição no Vietnã, alcançando esforços combinados viáveis entre as agências, tais como as de Operações Cívicas e de Apoio de Desenvolvimento Revolucionário lideradas pelos vietnamitas; os Grupos Irregulares de Defesa Civil e Unidades de Reconhecimento Provisórias; os Pelotões de Ação Conjunta dos Fuzileiros Navais dos EUA e o treinamento e aconselhamento militares dos EUA. Essas práticas e outros programas liderados pelos vietnamitas chegaram tarde demais para superar a já adiantada “americanização” da contra-insurreição e sua estratégia inicial de dominação militar, que enfocou as forças inimigas em vez de interagir com o povo e o governo vietnamitas.²⁶

Ainda é possível para o Iraque e os governos da

coalizão adotarem as práticas comprovadas de contra-insurreição e abandonarem métodos que não conduzirão ao êxito. Qualquer plano de campanha para executar

a contra-insurreição no Iraque deve ser submetido a uma prova de viabilidade histórica além dos métodos consagrados de análise. **MR**

Referências

1. WHEELER, General Earle W. conferência na *Fordham University*, citada na obra de Roger Hilsman, *To Move a Nation* (Garden City, Nova York: Doubleday & Co., 1967), p. 426.
2. O Presidente dos EUA, John Adams, cunhou a frase "hearts and minds" (corações e mentes) na sua retrospectiva da Revolução Americana em 1818.
3. Presidência da República/Ministério de Defesa, *Política de Defesa y Seguridad Democrática* (Bogotá: Ministério de Defesa, 2003); "Colombian Military Support for 'Democratic Security,'" estudo escrito por Tom Marks, Universidade Nacional de Defesa, 7 de janeiro de 2005. Anteriormente, Marks observou o desprendimento temporário de Bogotá da guerra em *Colombian Army Adaptation to FARC Insurgency* (Carlisle, Pensilvânia: Escola Superior de Guerra do Exército, 2002). Veja também COPE, Jay, *La Guerra de Colombia: Hacia una Nueva Estrategia* (Washington, DC: National Defense University Press, 2002).
4. As Nações Unidas, "Universal Declaration of Human Rights," adotado e proclamado pela Resolução da Assembléia Geral 217 A (III), 10 de dezembro de 1948.
5. Veja a análise do veterano da emergência malaísa, CLUTTERBUCK, General Richard, *The Long Long War* (New York: Praeger, 1965) e a monografia clássica por THOMPSON, Robert G.K. *Defeating Communist Insurgency: The Lessons of Malaya and Vietnam* (New York: Praeger, 1966). As obras escritas por SHORT, Anthony são excelentes recursos secundários: *The Communist Insurrection in Malaya* (New York: Crane, Russak & Co., Inc., 1975), editor *Templer*; John e Cloake. *Tiger of Malaya* (Londres: Harrap, 1985).
6. HOFFMAN, Bruce. "Insurgency and Counterinsurgency in Iraq," Washington, D.C., RAND Corp., jun 2004.
7. "The Urban Guerrilla", *Time* (19 set 1969); KOHL, James e LITT, John, *Urban Guerrilla Warfare in Latin America* (Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1974).
8. A melhor análise destas operações não pesquisadas há muito tempo é a obra escrita por MOYAR, Mark. *Phoenix and the Birds of Prey* (Annapolis, Maryland: Naval Institute Press, 1997).
9. SWEE Lam, desertor e insurreto de alto escalão revelou a existência dessas divisões na obra *My Accusation* (Kuala Lumpur: 1951).
10. VALERIANO, Napoleon D. Veterano da rebelião *Huk* e BOHANNAN, Charles T.R, escreveram *Counter-Guerrilla Operations: The Philippine Experience* (New York: Praeger, 1962) logo após a derrota da rebelião.
11. PYE, Lucian. O antropólogo cultural norte-americano fez sua bem-respeitada análise na Malásia durante o ponto máximo da Emergência. Veja *Guerrilla Communism in Malaya* (New Jersey: Princeton University Press, 1956).
12. GERAGHTY, Tony. Para uma pesquisa histórica do Serviço Especial Aéreo Britânico, ver a sua obra: *Who Dares Wins: The Story of the Special Air Service, 1950-1980* (Londres: Arms and Armour Press, 1980).
13. Sobre a Emergência na Quênia, veja *United Kingdom General Headquarters, East Africa. A Handbook on Anti-Mau Mau Operations* (Nairobi: The Government Printer, 1954) e HEATHER, Randall W. "Intelligence and Counterinsurgency in Kenya, 1952-56," *Intelligence and National Security* 5, 3 (julho de 1990): pp. 5-83. BACLAGON, Uldarico S. escreveu sobre a rebelião *Hukbalahap*, veja, *Lessons from the Huk Campaign in the Philippines* (Manila: M. Colcol, 1956).
14. HORNE, Alistair. Descreveu a Linha *Morice* em detalhe em *A Savage War of Peace: Algeria 1954-1962* (New York: Viking, 1977).
15. PALMER, David Scott. Compartilhou certa vez um escritório da faculdade no Peru com Abimael Guzmán, o futuro líder dos terroristas do Sendero Luminoso. Veja Palmer "Fujipopulism and Peru's Progress," *Current History* 95 (fevereiro de 1996); BOWEN, Sally, "El Expediente Fujimori: Perú y su Presidente", 1990-2000, *Peru Monitor*, Lima, 2000; LLACH, Nancy C. "Fujimori and his Actions are Widely Endorsed, but Peruvians Ultimately Want Democracy," memorando para análise, Escritório de Pesquisas, Agência de Informação dos EUA, Washington, D.C., 1992; KENNEY, Charles D. *Fujimori's Coup and the Breakdown of Democracy in Latin America* (Indiana: University of Notre Dame Press, 2004).
16. LANSDALE, Edward G. *In the Midst of Wars: An American's Mission to South-east Asia* (Nova York: Harper & Row, 1972) é brilhante, egoísta e não totalmente creditável. Lansdale foi referenciado com o pseudônimo "Colonel Hillendale" pelos autores William Lederer e Eugene Burdick na obra *The Ugly American* (Nova York: W.W. Norton & Co., Inc., 1958).
17. BRADLEY, General Omar. Na sua autobiografia (escrita com Clay Blair), ele elogiou James A. Van Fleet por sua eficácia na Grécia. Veja *A General's Life* (New York: Simon & Schuster, 1983). Veja também BRAIM, Paul, *The Will to Win: The Life of General James A. Van Fleet* (Annapolis, Maryland: Naval Institute Press, 2001). O ex-comandante do Comando Sul dos EUA, General George A. Joulwan, como Bradley, atribuiu o fim da guerra salvadoreña ao Coronel Mark Hamilton (mais tarde General). A entrevista com o autor, 11 ago 1999. Transcrições da coleção pessoal do autor e das transcrições não sigilosas de John A. Pitts, Comando Sul dos EUA, Comandante-em-Chefe, *Oral Histories*, Miami, Florida, 26 dezembro 1991.
18. TRINQUIER, Roger. Em *La Guerre Revolutionnaire* (New York: Praeger, 1961), o soldado-autor francês advogou uma metodologia não restrita para combater a insurreição, incluindo o uso da tortura. O General Jacques Massu, comandante militar de Argel durante a insurreição, manifestou as mesmas opiniões em *La Vraie Bataille d'Alger* (Paris: Librairie Plon, 1971). Massu, Trinquier, e seu gênero foram glorificados no romance de Jean Lartéguy: *The Centurions* (Londres: Dutton, 1961). Ao utilizar estes métodos, os franceses conseguiram uma vitória tática, mas fracassaram estrategicamente.
19. No Vietnã, compare a obra do ex-coronel do Exército do Vietnã do Norte Bui Tin, *From Enemy to Friend*, traduzida por *Nguyen Ngoc Bich* (Annapolis, Maryland: Naval Institute Press, 2002), e WESTMORELAND, William C., *A Soldier Reports* (Garden City, New York: Doubleday, 1976). Em relação ao Afeganistão, veja Mohammed Yousef e Mark Adkin, *The Bear Trap: Afghanistan's Untold Story* (Lahore, Pakistão: Jang, 1992).
20. POWELL, Colin. Na época tenente, reconta seu período de serviço como assessor no Vietnã em sua obra *My American Journey* (New York: Ballantine, 1996). SPECTOR, Ronald H. Uma análise definitiva da "formação de exércitos" pelos EUA nessa época contada em sua obra: *Advice and Support: The Early Years of the U.S. Army in Vietnam 1941-1960* (New York: The Free Press, 1985).
21. KELLY, Francis J. *Center for Military History Publication 90-23, U.S. Army Special Forces 1961-1971* (Washington, DC: Departamento do Exército, 1985).
22. KOMER, Robert W. *Bureaucracy Does Its Thing: Institutional Constraints on U.S.-GVN [Government of Vietnam] Performance in Vietnam* (Santa Monica, Califórnia: RAND, 1972).
23. *The Pentagon Papers: The Defense Department History of United States Decisionmaking on Vietnam* (Boston: Beacon Press, 1971).
24. GRAU, Lester W. e GRESS, Michael, tradutores e editores. O Estado-Maior da Rússia, *The Soviet-Afghan War: How a Superpower Fought and Lost*, (Lawrence: University of Kansas Press, 2002).
25. Krepinevich, Andrew F. Jr, primeira e provavelmente a melhor análise da derrota do Exército dos EUA na Indochina: *The Army and Vietnam* (Baltimore, Maryland: The Johns Hopkins University Press, 1986).
26. COLBY, William; MCCARGAR, James. *Lost Victory* (Chicago: Contemporary Books, 1989); "The Johnson Administration and Pacification in Vietnam: The Robert Komer-William Leonhart Files, 1966-1968," Coleção de Pesquisas da Guerra do Vietnã, Biblioteca Lyndon B. Johnson, Austin, Texas, University Publications of America, 1993. SORLEY, Lewis. Veterano da Guerra do Vietnã e erudito examina cuidadosamente os últimos anos do conflito em *A Better War: The Unexamined Victories and Final Tragedy of America's Last Years in Vietnam* (Nova York: Harcourt, Inc., 1999).

O Dr. Kalev I. Sepp é professor assistente do Departamento de Análise de Defesa da Escola de Pós-graduação da Marinha, em Monterey, Califórnia. Possui os títulos de Bacharel pela The Citadel, de Mestre em Artes e Ciências Militares pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército dos EUA e é Ph.D. pela Universidade de Harvard. Quando estava no serviço ativo, serviu em várias missões de comando e estado-maior no território continental dos EUA, na América Latina, na Coreia e na Alemanha. Trabalhou recentemente no estado-maior da Força Multinacional Iraque em Bagdá. É co-autor de "Weapon of Choice: Army Special Operations Forces in Afghanistan," um estudo oficial do Exército dos EUA durante os primeiros seis meses da guerra no Afeganistão.